

Práticas da música popular no ensino de piano para idosos do programa “Meu tempo é hoje: o piano 60+”

Comunicação

Farlen Rodrigues Santos
UFSJ
farlenrs94@gmail.com

Hugo Coqueto
UFSJ
hugocoqueto@gmail.com

Hugo Renan Silva
UFSJ
hugorsilva13@gmail.com

Luísa Camargo Mitre de Oliveira
UFSJ
luisamitre@ufs.edu.br

Resumo: A presente comunicação apresenta um relato de experiência docente dentro do Programa de extensão “Meu tempo é hoje: o piano 60+”, voltado a aulas de piano para alunos da faixa etária 60+. O trabalho tem o enfoque no processo de inserção de conteúdos, repertórios e metodologias próprias da música popular nas aulas do Programa. As reflexões sobre essa experiência perpassam por assuntos como: as características particulares do aluno 60+, os conteúdos e processos de ensino-aprendizagem específicos da música popular, bem como as dificuldades e soluções encontradas na adaptação desses conteúdos ao perfil dos alunos. Para tais reflexões, foram utilizados autores como Freire, Green, Salles e Reis.

Palavras-chave: Música e Idosos; Educação Musical; Pedagogia do Piano.

Introdução

O ensino de música para a terceira idade tem se tornado uma área de crescente interesse na educação musical, dada a relevância do aprendizado ao longo da vida e seus benefícios cognitivos, sociais e emocionais para os indivíduos mais

velhos (HALLAM, 2010). Neste contexto, o projeto de extensão “Meu Tempo é Hoje - o Piano na Terceira Idade”, criado em 2022, é oferecido pela Universidade Federal de São João del-Rei, vinculado ao Departamento de Música. O projeto tem como objetivo, através de uma abordagem inclusiva, desenvolver uma pedagogia de piano voltada às pessoas da faixa etária 60+¹. Em 2024 o projeto se tornou Programa de Extensão e passou a se chamar “Meu tempo é hoje: o piano 60+” contando com 3 bolsistas, alunos do curso de Licenciatura em Música com ênfase em piano da UFSJ, que atuam como professores oferecendo as aulas de acordo com a elaboração prévia realizada em colaboração com as coordenadoras² do programa. Atualmente o Programa conta com 17 alunos inscritos, incluindo veteranos e novos ingressantes. O perfil dos alunos varia entre iniciantes e alunos que já estudaram música e/ou piano anteriormente à entrada no Programa. Os alunos participam de aulas semanais individuais e de aulas coletivas que acontecem, em média, uma vez ao mês.

Em 2024 optou-se por incluir nas aulas, além dos conteúdos já trabalhados nos anos anteriores, outros voltados ao ensino do piano popular. Como referenciais de pesquisa para essa nova etapa do projeto, foram utilizados autores como Paulo Freire (e sua concepção de educação libertadora), Lucy Green (que investigou em seus trabalhos os processos de aprendizagem utilizados por músicos populares) e Salles e Reis (que discorrem sobre a relação entre o ensino para idosos e o *habitus conservatorial*). Com base nesses autores, traçou-se um novo plano de ensino que abordasse conteúdos e estratégias didáticas para a inserção do repertório de música popular nas aulas do Programa de forma adaptada ao perfil dos alunos. Desse modo, pretendeu-se compreender quais seriam as estratégias de ensino mais adequadas ao público-alvo, quais as facilidades e dificuldades particulares a esse público 60+ evidenciadas durante o processo e quais soluções se mostraram promissoras para o trabalho. Tal pesquisa se mostra importante para contribuir com o desenvolvimento de uma pedagogia de piano voltada ao público 60+, ampliando a gama de repertórios, processos de ensino-aprendizagem e até mesmo materiais didáticos adequados à faixa-etária contemplada.

¹ O projeto foi criado para desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Música da UFSJ, que resultou em uma dissertação de autoria da mestra Ana Maria Sales defendida em novembro de 2023.

² Professoras do Curso de Música da UFSJ.

O trabalho traz, primeiramente, reflexões sobre: a relação entre o ensino para o idoso e o *habitus conservatorial*, a importância da escolha do repertório como estratégia didática, além do emprego de uma abordagem coerente ao ensino da música popular. Em seguida, traz o relato de experiência de dois alunos do Programa, expondo os processos adotados pelos professores e os resultados alcançados.

Práticas pedagógicas para o aluno 60+: reflexões

Os impactos positivos que a atividade musical pode gerar na vida do idoso vêm sendo apontados em diversas pesquisas, sugerindo a melhora de aspectos cognitivos, qualidade de vida, socialização, motivação, autoconhecimento e realização pessoal desses indivíduos. Porém identifica-se, ainda, um processo de busca por metodologias e práticas pedagógicas mais adequadas a esse público dentro do ensino musical e, mais especificamente, direcionadas ao ensino do piano. Dentre os vários aspectos a serem abordados nesses estudos gostaríamos de ressaltar neste trabalho: a vinculação ao *habitus conservatorial* e a escolha do repertório.

Para Salles e Reis (2021), dentro da busca por uma didática do piano voltada para o ensino do idoso, é necessária uma mudança de paradigmas na pedagogia do instrumento, abrangendo uma desvinculação a práticas e regras vinculadas ao *habitus conservatorial*. Dentro das características deste modelo de ensino tradicional, podemos citar a valorização do repertório europeu, a centralidade da habilidade de leitura e escrita musical (partituras), a aquisição de informações históricas e teóricas e a técnica para a execução de um instrumento. Tais práticas nem sempre se mostram mais adequadas e eficazes dentro do ensino direcionado ao aluno 60+ pois, muitas vezes, a forma com que esse ensino acontece não se conecta de forma efetiva com esse público, que geralmente busca na música uma atividade mais leve, que proporcione momentos de descontração e lazer, sem a intenção de se profissionalizar. Apontamos como um caminho interessante, portanto, a exploração de outras práticas pedagógicas como: o ensino por imitação, a exploração sonora, a utilização de grafias não-convencionais, a prática aural ou o “tocar de ouvido” e a improvisação.

Além da abordagem didática, outro ponto interessante de ser priorizado é a escolha do repertório direcionado a esses alunos. Importante notar que, “(...) diferentemente das crianças, os alunos idosos já possuem uma concepção do que é

“música”, e muitas vezes há uma divergência entre alunos e professores” (Salles e Reis, 2021, p.7). Nesse sentido, nota-se que muitos desses alunos possuem um gosto musical formado, com repertórios específicos que apreciam e que podem se tornar uma motivação para o aprendizado musical. Muitas vezes esses repertórios são ligados a músicas que ouviam quando eram jovens, e podem abranger artistas como cantores(as) ou grupos instrumentais vinculados à música popular. Salles e Reis trazem ainda uma reflexão sobre as dificuldades dos professores na abordagem desse tipo de repertório ligado à música popular:

É importante ressaltar que parte desse repertório não está escrito em partituras tradicionais (com clave de sol e fá), o que pode trazer a necessidade de se sair da zona de conforto em busca de novas habilidades, como por exemplo a leitura de cifras, o que pode gerar uma resistência por parte do professor que não desenvolveu essa habilidade em sua formação musical (Salles; Reis, 2021, p.7).

Apesar dessa dificuldade por parte dos professores, a inclusão de um repertório que vá ao encontro da valorização da história, da memória e do gosto musical do aluno pode ser importante para o processo de ensino-aprendizagem específico desse público. Conceição (2013) aponta a concepção de educação libertadora de Paulo Freire, baseada na participação ativa dos envolvidos, como um caminho na educação direcionada ao idoso:

(...) o livre-arbítrio, a capacidade de escolha, denota a manutenção da cidadania ativa, na qual os idosos podem administrar seus intentos, opções, alternativas, preferências e exercer plenamente um de seus direitos mais relevantes no quesito educação: escolher como querem aprender, participando ativamente desse processo (Conceição, 2013, p.84).

Além da inclusão do repertório que contemple o gosto pessoal dos alunos (em coerência com a concepção de educação libertadora de Freire), várias práticas apontadas como alternativas à didática tradicional do ensino do piano (como o ensino por imitação, o uso de grafias alternativas, a improvisação, a prática de “tirar de ouvido”, etc.) vêm sendo implementadas no Programa e podem ser associadas aos processos de ensino-aprendizagem da música popular. Por esse motivo, fez-se necessário um maior entendimento sobre as práticas que envolvem o aprendizado dessa música.

Lucy Green em seu livro *How popular musicians learn* (Green, 2002) discorre sobre alguns processos de aprendizagem utilizados por músicos populares, os quais podem ser bastante elucidativos quanto às escolhas dos caminhos pedagógicos adequados a esse repertório. Green classifica tais processos como “práticas de aprendizagem informal de música” que englobam recursos como: (1) escolha do repertório que privilegie músicas as quais o aluno conheça bem e tenha alguma relação afetiva; (2) práticas aurais (ou a prática de “tirar de ouvido”), que consiste em aprender pela imitação do som de gravações de áudio; (3) a aprendizagem acontecer em grupos, de maneira consciente ou inconsciente, através da interação com parentes, colegas e outros músicos que atuam sem a função formal de um professor; (4) a integração entre práticas como compor, tocar e ouvir, com grande ênfase na criatividade. Essas práticas podem “oferecer aos alunos um certo grau de autonomia com relação a seus professores, aumentando suas capacidades para seguir com o aprendizado de forma independente, encorajando futuras participações no fazer musical além da sala de aula”. (Couto, 2009, p.92). Green ressalta a importância de os professores incorporarem tais práticas em suas aulas como forma de tornar a pedagogia voltada à música popular mais autêntica e coerente.

Nas aulas do Programa, as práticas apontadas por Green (2002) foram inseridas da seguinte forma: (1) A escolha do repertório (ou, ao menos, grande parte dele) foi feita em conjunto com o aluno. A partir de conversas informais durante as aulas, os professores investigaram sobre estilos musicais, artistas ou músicas específicas da preferência do aluno, que houvesse algum vínculo afetivo com cada indivíduo. Dessa forma, priorizou-se músicas que fossem bastante conhecidas por eles, a fim de facilitar o processo de aprendizagem e gerar uma maior motivação e engajamento por parte dos alunos. (2) Práticas aurais através de atividades de percepção musical durante as aulas coletivas, no formato de “jogos” como: Bingo Musical e “Qual é a música?”. Além das atividades de percepção musical durante as aulas coletivas, alguns alunos demonstraram interesse e até mesmo o hábito de “tirar de ouvido” algumas músicas que gostariam de estudar individualmente, práticas essas que foram incentivadas pelos professores. Outra atividade que se aproxima às práticas aurais são as práticas por imitação da performance, em que o professor toca a música a ser trabalhada e o aluno pode ver e ouvir, observando tantos os aspectos

sonoros mas também motores, expressivos, etc. Essas práticas vêm sendo bem difundidas no Programa, especialmente as voltadas a repertórios específicos na iniciação ao piano, com peças como Ondas (Laura Longo), Sabiá triste (Elvira Drummond) e Valsa triste (Piano Pérolas). (3) O aspecto da criatividade e integração entre práticas como compor, tocar e ouvir tem sido trabalhado através da inserção de atividades de improvisação, seja nas aulas coletivas ou nas aulas individuais. Na maioria das vezes, a atividade se deu através de bases harmônicas tocadas pelo professor sobre as quais o aluno deve improvisar melodias seguindo algum padrão topográfico do teclado (exemplo: somente teclas pretas, somente teclas brancas, escalas específicas). Tais atividades estimulam a exploração do instrumento, a criatividade e a expressividade do aluno, o exercício de ouvir a si mesmo e ao professor ao mesmo tempo, dentre muitas outras habilidades musicais que são exercitadas ao se tocar em conjunto. (4) Um último aspecto em comum às ideias de Green, observado durante as aulas coletivas, é a aprendizagem em grupos, que acontece de maneira consciente ou inconsciente, quando uns aprendem com os outros por observação, imitação de gestos ou mesmo por conversas entre os colegas sobre assuntos levantados nas aulas. Tais encontros se mostraram muito prazerosos para os alunos e promoveram, além do aprendizado de conteúdos musicais, a interação entre os alunos e a socialização.

Além dos aspectos acima descritos, relacionados às “práticas de aprendizagem informal de música” citadas por Green, outro recurso didático utilizado nas aulas, também ligado às práticas da música popular, é a utilização de notações musicais diferentes da partitura tradicional de piano (escrita em clave de sol e de fá). Algumas alternativas utilizadas com os alunos do Programa foram: o uso da cifra popular (relacionada aos acordes), o uso da partitura no formato “melodia e cifra” (melodia escrita na clave de sol com cifras indicando a harmonia), o uso de *cards* ou imagens em diagrama mostrando a formação dos acordes no teclado do piano, além de partituras em formato não convencional (por exemplo, com a indicação dos nomes das notas da melodia escritas por extenso). Em todas essas alternativas, se fez necessário que o professor trabalhe a concepção do arranjo juntamente com o aluno, e tal prática acaba englobando o conhecimento de diversos assuntos teóricos como escalas, formação de acordes, inversões, encadeamentos, células rítmicas, etc. Exige

também um conhecimento específico sobre características dos estilos musicais tocados, impressos através de células rítmicas, fraseado, articulações, texturas, dentre outros aspectos.

Transformar esse tipo de notação, que é pouco exato, numa performance requer dos músicos diversas habilidades: eles necessitam conhecer regras, limitações de seu instrumento, exercitar quais decisões tomar em relação a inversões, encadeamentos, bem como estruturar a peça, criar inflexões rítmicas entre versos, assim como fraseados. Essa prática desenvolve diversos benefícios como a confiança na improvisação, a vivência da música como som mais do que como notação, atividade mais do que passividade, conhecimento e manipulação estilísticos (Dunbar-Hall; Wemyss, 2000 apud Couto, 2009, p. 97).

Tal prática pode se tornar complexa para um aluno ainda nas fases iniciais do aprendizado do piano, por isso deve-se ter cautela na abordagem dos assuntos teóricos, de forma a não prejudicar o foco dessa primeira etapa de familiarização e domínio do teclado e dos aspectos musicais mais básicos. Nesses casos, muitas vezes é necessário que o professor “tome a frente” do processo do arranjo, indicando o caminho a ser feito na concepção do mesmo, de forma que os assuntos teóricos sejam absorvidos gradativamente. Já para os alunos mais avançados e que possuem uma maior familiaridade com a teoria musical e os aspectos básicos do instrumento, o processo do arranjo tende a trabalhar mais a criatividade e autonomia, já que esse aluno está mais apto a convergir os diferentes conhecimentos adquiridos de forma mais natural.

Relato de experiência

Neste relato abordamos as estratégias de ensino utilizadas com dois alunos participantes do Programa, que serão chamados aqui de alunos “A” e “B”. Os dois casos foram escolhidos pois as abordagens descritas aqui foram replicadas com outros alunos do Programa e, portanto, são representativas dos processos utilizados e resultados alcançados.

O aluno “A”, de 57³ anos, iniciou seus estudos de piano no Programa há aproximadamente um ano e meio e teve aulas com dois professores diferentes desde então. Em conversas em aula, “A” expressou várias facetas de seu gosto musical. O gosto pela Bossa Nova e pela música mineira (Clube da Esquina) prevaleceu e foi considerado posteriormente para a escolha de repertório. Quanto às competências musicais, este aluno teve sua iniciação com métodos de imitação e, posteriormente, a partitura musical tradicional. No início do primeiro semestre letivo de 2024, ele também já estava se familiarizando com cifras de acordes básicos e expressou o desejo de aprofundar o contato com o repertório de músicas populares ao piano. “A”, por conta própria, trouxe sugestões de duas obras: “Caçador de Mim” (Sérgio Magrão e Luíz Carlos Sá) e “Imagine” (John Lennon). As duas obras estavam escritas em sistemas de notação diferentes. “Imagine” estava arranjada em uma partitura tradicional para piano e “Caçador de Mim” na forma de “Melodia e cifra”. O aprendizado da primeira obra intercorreu de forma semelhante aos repertórios trabalhados anteriormente com o aluno, portanto não suscitou perguntas e reflexões mais relevantes. Abaixo, um recorde da partitura de “Caçador de Mim”, editada para a aula.

Figura 1: Partitura no formato “Melodia e cifra” editada para o aluno

Caçador de Mim

Sergio Magrão e Luíz Carlos Sá

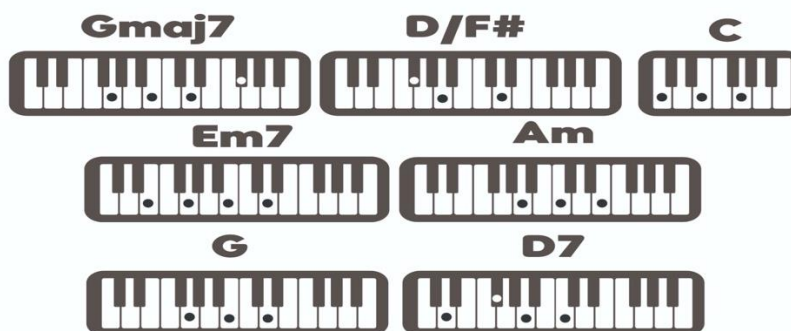
The image shows a musical score for the song "Caçador de Mim" in 8/8 time. It consists of two systems of music. The first system has four measures with the following chords: GMaj7, D/F#, C/E, and Em7. The second system starts at measure 5 and has four measures with the following chords: C, G/B, D7, and G. The second system ends with two first and second endings, each represented by a horizontal line with repeat dots.

Fonte: Elaboração própria

³ Apesar do projeto ser direcionado a alunos com idade a partir de 60 anos, foram incluídos também alunos a partir de 50 anos para completar o preenchimento das vagas disponíveis e por se acreditar que as características do ensino e resposta dos alunos poderiam ser similares entre as faixas etárias citadas.

O formato “Melodia e cifra” foi combinado com *cards* impressos em que os acordes pertencentes à obra eram montados em diagramas em formato de teclado musical, como demonstrado na figura seguinte.

Figura 2: Diagramas dos acordes



Fonte: Elaboração própria

Os objetivos iniciais esperados para esta obra foram: a familiarização do aluno com a formação de tríades e tétrades em estado fundamental e suas respectivas inversões, a automatização da forma dos acordes e dos dedilhados adequados para a execução ao piano, a compreensão da estrutura da obra original e do arranjo feito para a aula, a familiarização com a tonalidade de Sol Maior, a revisão dos conceitos iniciais de teoria e leitura da pauta musical na clave de Sol e o uso correto do pedal sincopado em função da harmonia.

No âmbito geral, o aluno teve mais dificuldades em relação à obra apresentada no formato “Melodia e cifra” do que na obra de partitura tradicional, o que já era esperado por conta de suas experiências anteriores. No final do processo o aluno teve condições de executar as duas obras de forma satisfatória com a maioria dos objetivos cumpridos.

No âmbito específico, os objetivos quanto à formação de tríades e tétrades das obras estudadas foram parcialmente cumpridos. Isto se deve ao fato de que, nas tétrades, apenas o estado fundamental foi assimilado. Com isso, para a construção do arranjo optou-se, então, pelo uso das inversões em tríades mais familiares e as tétrades restritas aos acordes Dominantes. O aluno apresentou poucas dificuldades rítmicas em relação a execução da melodia, a qual ele já conhecia desde a juventude

e sabia solfejar. Porém, a junção com acordes alterou o nível de segurança rítmica da obra por um tempo. O professor acredita que a não automatização das formas de acorde prejudicava até mesmo o ritmo da melodia que já era familiar.

A aluna “B”, de 64 anos, veterana do Programa, participa desde o primeiro semestre de 2023 e tem aulas com o mesmo professor desde a sua iniciação à música. Ela teve uma iniciação focada em repertórios por imitação durante boa parte do seu primeiro ano, iniciando mais tarde, de forma mais profunda, a compreensão da notação tradicional. “B” teve um processo parecido com “A”, demonstrando, nos últimos meses, maior interesse em aprender obras da música popular brasileira. A aluna costuma mencionar dois estilos musicais com frequência: o Sertanejo e o lê-iê-iê. Algumas cantigas de roda e melodias folclóricas conhecidas também foram mencionadas.

O processo de introdução à música popular ao piano para aluna “B” tem origem nas atividades coletivas do Programa. A aula inaugural para o primeiro semestre de 2024 colocou os alunos em contato com um arranjo de “Asa branca”, de Luiz Gonzaga, criado especificamente para este dia. O objetivo da aula era fazer com que, coletivamente, os alunos tocassem e entendessem mais a estrutura da peça. Uma notação específica e não convencional foi elaborada, demonstrada na figura seguinte:

Figura 3: Melodia da música “Asa branca” em notação não convencional

1	DÓ RÉ MI SOL SOL MI FÁ FÃ
2	DÓ RÉ MI SOL SOL FÁ MI
3	DÓ DÓ RÉ MI SOL
4	SOL FÁ MI DÓ FÃ
5	MI MI RÉ RÉ MI
6	RÉ RÉ DÓ DÓ

Fonte: Elaboração própria

Após este evento, a aluna “B” se interessou por aprender a música em suas aulas individuais, demonstrando preferência pelo arranjo e notação criados para a aula coletiva. A aluna já havia passado pelos conceitos básicos da notação tradicional e o reconhecimento das notas e topografia do teclado musical. Sendo assim, o plano de trabalho passou a considerar a iniciação às cifras e também a harmonia básica. A obra derivada da aula coletiva seria um primeiro passo, na qual a melodia seria acompanhada da nota fundamental de cada acorde, abrangendo as funções de Tônica, Subdominante e Dominante da tonalidade de Dó Maior. À medida em que outras obras fossem apreendidas, mais elementos seriam adicionados e a obra inicial receberia mais informações novas.

A aluna “B” questionou, ainda no início do processo, se era possível que ela utilizasse a notação do arranjo de “Asa Branca” em outras músicas. Incentivada pelo professor, de forma autônoma, começou a exercitar a capacidade de ouvir e, por meio da notação não convencional, transcrever algumas dessas melodias. Ao final do semestre, “B” trouxe obras como “Parabéns para você” e “Ode à Alegria”, que transcreveu sozinha em notação por extenso.

Algumas considerações importantes sobre o uso desse tipo de notação: para a elaboração do arranjo, considera-se que o aluno conheça e saiba solfejar ou cantar a letra da música em questão. O ritmo também é considerado como algo que o músico já ouviu e consegue repetir. A grafia facilita a identificação de cada nota da melodia, cabendo ao aluno fazer a ligação entre altura fornecida e ritmo já internalizado. Por isso o consenso entre o professor e a aluna “B” foi de aprender músicas muito bem gravadas na sua memória.

No caso de “Asa Branca”, a melodia foi de rápida apreensão e o uso da fundamental dos acordes na mão esquerda se mostrou um bom começo. A aluna foi capaz de compreender que cada fundamental fazia parte de uma tríade, e aprendeu a montar os acordes no campo harmônico de Dó maior. No âmbito da execução, ela teve mais dificuldade em coordenar as duas mãos no início, e por isso, ainda não foi possível incrementar a dificuldade da obra no sentido de incluir as tríades completas. O ritmo também foi uma questão que precisou de mais atenção durante o processo. Mesmo com um motivo rítmico bem conhecido e fixado na memória da aluna, a coordenação fina necessária para executá-lo dependia de outras variáveis. A

facilitação da notação, neste caso, não excluiu o trabalho essencial no que tange ao aprendizado técnico da obra. A aluna “B” externou em muitas aulas que esse modo de notação tornava tudo mais claro e compreendeu que apenas a representação havia mudado, mas não a complexidade da obra.

Um fato interessante acontecido recentemente é que a aluna retomou o interesse em aprender o sistema de notação tradicional ao adquirir um livro para teclado⁴ (no formato “Melodia e Cifra”) com repertório de músicas sertanejas. A diagramação em fontes grandes e espaçadas se mostrou mais convidativa à leitura da partitura, além do repertório pertencer ao seu gosto musical. Dessa forma, o novo material se mostrou uma alternativa mais acessível às necessidades físicas (visuais) da aluna e estimulou a busca por novos aprendizados musicais.

Conclusão

Ao longo dos quase três anos de existência, o Programa “Meu tempo é hoje: o piano 60+” tem contribuído para a formação de docentes pelo Curso de Licenciatura em música da UFSJ de diversas formas. A inserção do repertório de música popular ao piano é uma adição recente tanto no conteúdo do Programa como na formação dos bolsistas. Isso gerou novos desafios na preparação e condução das aulas, além da oportunidade de registrar os primeiros processos no ensino desse repertório para alunos 60+.

A pouca disponibilidade de materiais tradicionais adequados aos alunos do Programa também se repetiu na busca por métodos que contemplem repertórios ou metodologias da música popular, principalmente os direcionados aos alunos mais iniciantes. Na observação dos bolsistas, muitos conceitos de iniciação ao instrumento e à música de concerto são necessários também à abordagem popular. Por esse motivo, os professores continuaram utilizando os métodos costumeiros (como, por exemplo, *Adult Piano Adventures* de Nancy e Randall Faber) e notou-se a necessidade de produzir novos arranjos de repertório popular adequados aos níveis iniciantes e que trabalhem as questões musicais e técnicas importantes para

⁴ Souza, Luiz Daniel N.de. “Método prático para teclado; sistema facilitado contendo o melhor da música sertaneja”. Rio de Janeiro, sem ano, sem editora.

esse estágio. Uma revisão estruturada se mostra necessária para mapear melhor a existência de tais materiais.

Os alunos abordados nos relatos já estavam sendo musicalizados a pelo menos um ano em outras abordagens, e em determinado momento, a linguagem musical e as competências físico-motoras necessárias para a execução do instrumento forneceram a base para o início da compreensão das notações e expressões básicas no repertório popular. A criação e adaptação de arranjos forneceu a acessibilidade necessária para que o caráter inclusivo do processo fosse alcançado. Considerar os gostos musicais dos alunos foi parte importante do processo pedagógico, pois isto permitiu um ensino mais personalizável para cada indivíduo, além de ter estimulado o estudo, acarretando na iniciativa dos alunos em pesquisar sobre novos materiais didáticos e mais obras de seus interesses.

Para os próximos passos, vê-se uma necessidade de explorar novas alternativas à aplicação das práticas apontadas por Green (2002), de forma a tornar o estudo do repertório popular por esse público cada vez mais coerente às suas características particulares.

O Programa tem potencial em várias vertentes de investigações e coleta de dados, seja em educação, saúde, performance, apreciação, além de questões de história e sociedade. A abordagem de iniciação à música popular relatada não só semeou possíveis propostas futuras de criação e produção de materiais didáticos e arranjos pelo Programa, como também esbarrou em questões histórico-sociais que têm potencial de motivar uma coleta de informações em pesquisas mais aprofundadas.

Referências

CONCEIÇÃO, Maria Célia. O livre-arbítrio e a autonomia da pessoa idosa no contexto educativo. *Interações*, v. 9, n. 27, p. 83-94, 2013.

COUTO, Mariana. *Educação musical: práticas pedagógicas e formação de professores*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DUNBAR-HALL, Peter; WEMYSS, Kim. The effects of the study of popular music on music education. *International Journal of Music Education*, v. 36, p. 23-34, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: A way ahead for music education*. Aldershot: Ashgate, 2002.

HALLAM, Susan. The power of music: Its impact on the intellectual, social and personal development of children and young people. *International Journal of Music Education*, v. 28, n. 3, p. 269-289, 2010.

SALLES, Ana Maria J.; REIS, Carla. Música e idosos, um estado da arte (2003-2020) e a ausência da pedagogia do piano, em Vitória/ES. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL – ABEM, XXV, 2021, Vitória. *Anais do XXV Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical*. Vitória: ABEM, 2021.